



# A Sopa

de Sílvia Maria Monteiro

Peça escrita durante a Oficina Regular  
do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná,  
sob orientação de Roberto Alvim,  
no ano de 2010.

*If a man is alive, there is always danger that he may die, though the danger must be allowed to be less in proportion as he is dead-and-alive to begin with.*

***Henry David Thoreau***

## A Sopa

### Personagens:

O PAI  
O FILHO  
A MÃE

### MOMENTO 1.

*Uma sala. Uma grande mesa de madeira. Algumas cadeiras. Engradados empilhados formam uma estante. Ou um guarda-louça. Um relógio parado. O Filho traz para a mesa uma tigela fumegante. Na estante, pega prato e colher. Serve-se. Entra o Pai. Desalinho de fim de dia. Larga suas tralhas no chão. Larga-se numa cadeira diante da mesa.*

PAI - Tem comida aí?

FILHO - Sopa.

PAI - Fala 'bosta', mas não fala 'sopa'.

FILHO - Eu gosto.

PAI - Enfia no cu esta merda.

FILHO - Eu gosto.

PAI - Eu sei bem do que é que você gosta.

FILHO -...

PAI - Me dá um prato.

FILHO -...

PAI - Me dá um prato dessa merda, porra.

FILHO -...

PAI - Filho da puta... *(O Filho levanta. O velho fala amigável, esperando ser servido)*  
Achei um troço na rua, hoje, queria que você visse. Tava de bobeira, circulando pelo centro... Passei pela porra daquele beco... O beco do mijo, sabe?... E eu vi aquele troço...

FILHO -... (*O Filho se serve de mais sopa e volta a sentar*)

PAI - Filho da puta, não é capaz de servir um prato de sopa pro pai. (*O Pai levanta. Pega prato e colher. Serve-se e volta a sentar*)

FILHO -...

PAI - Tem pão?

FILHO -...

PAI - Preciso de pão pra empurrar essa merda pra dentro.

FILHO - Eu não gosto.

PAI - Nhêu nhão nhosto!!!

FILHO -...

PAI - Eu sei bem do que é que você gosta.

FILHO -...

PAI - Você é bem a feição da tua mãe... A boca de chupadeira... A língua ligeira... A mesma bunda... Você sabe que tem bunda de mulher...

FILHO -... (*O Filho pára de tomar sopa e fica olhando para o velho*)

PAI - E aí? Está trepando com alguém? Ou não conseguiu juntar um troco pra pagar um vigia de obra pra comer teu rabo?

FILHO -...

PAI -... Fala aí... Fala! Se abre aí. Pode se abrir comigo. Não quer se abrir?

FILHO - Vá se foder, velho.

PAI - Não dá meu filho! Meu pau é grande, mas não dá a volta (*Gargalhada*)... Não dá a volta...

FILHO -... (*Sai da sala*)

PAI -... Essa foi boa, não foi? Porra... É grande, mas... Não – dá – a – volta. Sacou?...

FILHO - (*Volta e tira a louça toda*)...

PAI - Porra, essa foi boa... Foi engraçado... Fala aí!

FILHO -...

PAI - Viado.

FILHO - Eu vou trazer uma pessoa aqui em casa, hoje.

PAI - Opa!... Uma *pessoa*...

FILHO - Dava pra você ficar mais parecido com gente?

PAI – Como é que é?

FILHO - Ou então sumir por umas duas horas...

PAI – (*Brutal*) Filho da puta, nunca te fiz passá vergonha. Nunca. Eu não sou a tua mãe. Aquela sim era pra matar de vergonha...

FILHO – Cala a boca, velho... (*Mal se defende*)

PAI -... Era uma merda. Chegava a turma do filhinho, ela botava um vestido que era um lenço na frente da buceta. Cruzava as pernas e mostrava metade da bundona...

FILHO – Chega, velho!

PAI – Olha só... Ficou macho!

FILHO - Deus me livre!

PAI - É por causa de mim... Não quer ser homem por causa de mim. Eu sou mais home que qualquer um destes caras que te enrabam. Criei você sozinho, até antes da tua mãe morrer... Tua mãe cagava e andava pra você... Eu...

FILHO – “... Trabalhei... Me fodi... Me caguei...”

PAI - Pra deixar essa casa em pé. É verdade, seu bostinha.

FILHO – “... Trabalhei... Me fodi... Me caguei... Mas nunca faltou nessa mesa um prato de sopa!

PAI - Fala ‘merda’, mas não fala sopa!

FILHO - Se a mãe não estivesse por perto você já tinha se arranjado com raiz de capim.

PAI -... Vai trazer uma *pessoa*...

FILHO – Só tinha sobra, velho. Por isso eu fiz sopa.

PAI -... Eu não vou sumir porra nenhuma!

FILHO – Já esfriou... Esquento?

(*O Filho leva a tigela para a cozinha*)

PAI – Você não vai trazer uma *pessoa* pra te foder aqui na minha casa.

FILHO – Tem que comprar mantimento. Quer que eu faça uma lista?

PAI – Comprá, comprá, comprá, só comprá. Como será que era antes?

FILHO – Antes?

PAI – Quando não tinha mercado, porra. Quando não tinha dinheiro.

FILHO – Devia ser uma merda. Caçar, catar as coisas no mato, no rio...

PAI – Já pensou...? Tá de noite, você com fome... Não tem a mula do teu pai pra comprá nada. Você levanta e vai no rio pescar, ou vai caçar. E o fogo, ein? Como é que você fazia? Não tinha fósforo, não tinha isqueiro, fazia o quê? Ficava esperando um raio cair na fogueira?... Puta, quando penso nisso dá até um ruim. (*O Filho volta para a sala*)

FILHO – Viajou? Tá chapado, velho? ... Andou fumando...

PAI – Fumando teu cu. Fumando... Nunca fui de fumar. O Ivalino fumava. Vivia doidão. Pegava a caminhonete e saía que nem louco. Uma vez atropelou um bosta e fugiu. O cara nunca mais andou. Um dia, o bosta achou o Ivalino – procurou mais de ano! Achou o Ivalino e foi dizendo “cara, você fodeu com a minha vida. Tô na merda perdi mulher, emprego, amigos. Até minha mãe parou de me visitar”. O Ivalino chorou de dó do aleijado. “Eu tinha tudo, eu tinha tudo, tudo... Agora você vai me pagar.” O cara puxou uma arma e apontou pro Ivalino... O Ivalino tirou a arma da mão do sujeito, deu tanto na cabeça do filho da puta com a arma que, além de aleijado, o bosta ficou meio retardado. (*Ri muito*) Um escroto a menos no mundo. (*Ri por muito tempo*) Você tem fumo?

FILHO -...

PAI – OOOOOOOO! Tem maconha, aí?... Dá um beg aí...

FILHO -... (*O Filho pega apetrechos na estante. Volta para a mesa e começa a enrolar um baseado*)

PAI – Você foi falar, agora eu quero.

FILHO -... (*Acende o baseado*)

PAI – Fininho é bom... Me passa aí...

FILHO – Espera.

PAI – Péra péra péra – Merda bosta merda.

FILHO – Pega aí.

PAI – Ahhhhhh. (*Fuma muito e devolve*)

FILHO – (*Fuma e devolve*)

PAI – (*Fuma e devolve*)

FILHO – (*Fuma e sobra uma ponta. Passa para o Pai*)

PAI – (*Pega a ponta e fuma, xingando e se queimando*) Bosta de fumo, não vai dá nada!

FILHO – Fuma quieto, velho...

PAI – Só estou vivo por causa do Ivalino...

FILHO – Fica quieto, velho...

PAI – Só porque o Ivalino tava lá...

FILHO – Velho...

PAI – Verdade, porra. O Ivalino sempre tava no lugar certo...

FILHO – Pai...

*(A Mãe está parada na entrada da sala. Traz sacolas. Os dois ficam imóveis. A Mãe atravessa rapidamente a sala e desaparece na cozinha.*

*Volta com um jarro d'água, panos, álcool e bacia. Despe o Filho. Limpa o Filho cuidadosamente como que faz uma assepsia pré-cirúrgica. O Filho se veste.*

*O Pai começa a se despir esperando a sua vez. A Mãe leva até ele a água, o álcool e panos limpos. Olha-o com indiferença e sai. O Pai volta a se vestir.*

*Da cozinha ouve-se o barulho de panelas. Faca batendo freneticamente na tábua de carne. Vasilhas, jato forte na torneira. O acendedor automático.*

*O Pai molha a nuca, as pálpebras, os cabelos. Por baixo da roupa umedece as axilas e a genitália. Penteia-se cuidadosamente.*

*Pai e Filho limpam a mesa. Sentam-se cada um a uma cabeceira. Solenes. Limpos. Quietos. A mesa impecável. Pronta para gala ou para dissecação.*

*A Mãe entra e sai da sala para a cozinha enquanto põe a mesa e prepara a sopa)*

MÃE – Vou usar este caldo ralo que está aqui no fogão. Trouxe umas coisinhas... – Não tem café – Arroz, macarrão, óleo. Com mandioquinha salsa, cortada fininho para encorpar mais rápido. Tomate pelado. A casca gruda no dente. Um teor altíssimo de agrotóxico. Uma pitada de cominho. Eu não gosto. Sua mãe sempre punha cominho na sopa, você gosta... Um pouco de pimentão, sem casca. Ai, agrotóxico. Usei do verde. O vermelho tá os olhos da cara. Depois de cozido o gosto é o mesmo. Tinha batata, mas preferi mandioquinha, a cor fica mais bonita. Ah, hoje coloquei meia colherinha, só meia colherinha de chá de colorau. Ficou tão linda a cor, junto com o amarelo... Meio laranja. Quando colocar o cheiro-verde, então! Só eu gosto de cheiro-verde ou todo mundo gosta...? Vou bater a carne para fazer um bife... Onde é que eu estou com a cabeça, bife com sopa... Hã. Minhocas na cabeça. A sopa já está cheirando gostoso. Está pronta.

*(A Mãe volta com a panela fumegante. O Pai se serve e começa a tomar a sopa. Mãe e Filho se olham. O Filho sai)*

MÃE – Fiz bastante para poder congelar a sobra. A sopa fica boa ainda por um mês. Deixei a cozinha limpa. Coloquei os panos de molho. A trouxa que estava no chão, pus pra lavar. Deixei uma lista de compras presa com o imã, na geladeira. Não vi analgésico, nem mertiolate, nem bandaide. Precisa ter. O telefone novo também deixei preso na geladeira...

PAI – Puta.

MÃE – O Ivalino perguntou de você.

PAI -... Cheiro de puta...

MÃE – Ele sente sua falta, o Ivalino.

PAI -... Esse teu perfume doce não disfarça.

MÃE – Ele fica sem jeito. Falei pra ele que é bobagem.

PAI – Feito uma cadela.

MÃE – Vocês são amigos. São adultos...

PAI – A macharada de pau duro, farejando, correndo atrás...

MÃE – Tem que conversar como adultos...

PAI – Nem vergonha tem mais... Nessa tua cara.

MÃE – Ele está querendo ir para a chácara.

PAI – Entra na minha casa... Rebolando essa tua bunda.

MÃE – O Ivalino só fala das pescarias de vocês.

PAI – Vadia, lazarenta, bichada, vagabunda.

MÃE – Ele ficou arrasado com o afastamento de vocês.

PAI – O açougueiro você comeu, que eu sei. O vizinho manco, meu irmão... Você trepou com o meu irmão?

MÃE – Vocês eram vizinhos... Desde meninos, não é?

PAI – Todo homem acha que o pau dele é especial. Que a porra dele vai fazer alguma diferença.

MÃE – O Ivalino quer te ver.



PAI – Todo homem acha que tem o pau santo de salvar puta.

MÃE – O telefone está na geladeira. Liga pra ele...

PAI – Fica.

MÃE – *(Ela quase o beija na testa)*

PAI – Fica mais um pouco.

*(A Mãe sai, fechando a porta com cuidado. O Pai apenas olha a Mãe ir embora. Petrificado. A mão, num arroubo autônomo, pega o prato e o estraçalha no chão. Silêncio. Silêncio. Silêncio)*

## **MOMENTO 2.**

*(O Pai vai até a porta. Fica parado diante da porta fechada. O Filho entra. Pára na porta da cozinha. Sucata na mão.)*

PAI - Fiz duas corridas hoje que valeram a semana. Um bacana tava com pressa. Queria ir pro aeroporto. Eu falei “tá tudo congestionado!”, ele disse que pagava a corrida e mais “cenzão”, se eu conseguisse chegar na hora. Puta merda! Arrepiei. “Aperta o cinto”, eu disse. E voei. Eu manjo cada radar e só diminuía na cara deles. Nunca nenhum me pegou. O carro balançava um pouco por causa da chuva, derrapava, demorava pra frear... Podia...

FILHO -... Tá aqui, o aparelho... O “troço”... Do beco...

PAI – Eu alisava o carro como se fosse a tua mãe, bulina aqui, bulina ali... E ela voava, voava... O bacana se arrependeu, se borro, no banco de trás... Quis sair... “FODA-SE”... “AGORA EU QUERO O DINHEIRO”...

FILHO – Não deve valer a peça de reposição...

PAI – *(Avança na direção do Filho)* – “EU QUERO!” 15 minutos, 15 minutos, duvido que algum bosta faça mais rápido... 15 minutos, filho da puta. “FODA-SE”... Eu quero o dinheiro... Cenzão... No bolso. Já pensou que mercado a gente faz este mês, já pensou?

*(Pai e Filho sentam-se, cada um a uma cabeceira da mesa. O Filho começa a mexer no ‘artefato’)*

FILHO – Ela era bonita?

PAI – Se não fosse tão bonita.

FILHO – Ele achava a Mãe bonita.

PAI – O Ivalino tem classe, achava ela bonita porque ela era bonita mesmo, mas só...  
Era só isso.

FILHO – Só...

PAI – Viado. Você não entende dessas coisas. Amigo não faz merda com amigo.

FILHO -...

PAI – Amigo não faz mesmo, não senhor.

FILHO – Ela não aguentava o teu cheiro, velho.

PAI – Você é um bosta, sabia... Nem olhá pra mim ela aguentava.

FILHO – Olha pra máquina.

PAI – Que é que tem?

FILHO – Olha pra máquina.

PAI – Você estuda tanto, sabe tanto, fala tanto...

FILHO – A máquina, velho.

PAI – Essa porra dessa máquina vale alguma coisa, ou não?

FILHO -...

PAI – O que é essa merda aí?

FILHO – Tem que sentar na mesa.

PAI – Sentar na mesa.

FILHO – Subir na mesa.

PAI – Tô aqui.

*(O Filho começa a montar o 'artefato' e a plugá-lo no Pai)*

FILHO – Ele nunca foi teu amigo. Comeu a Mãe, que eu vi. No teu quarto, na cozinha, na sala, na cama velha, na garagem. A risada dela era solta, a risada dela era gostosa... Ela ria... Ria.

PAI – O que é que você ganha?

FILHO -...

PAI – Me magoa mais do que você dá o cu por aí... Você falando isso. Bicha loca filho da puta.

FILHO – É isso, velho. Ele **não** comeu ninguém, **ninguém** aqui é corno e então, **ninguém** aqui é filho da puta. E agora eu que digo, faça o favor de calar tua boca.

PAI – Um troço velho e que não serve pra nada.

FILHO – É a tua cara.

PAI – Servi pra ser teu pai. Ia servir pra que mais, a não ser pra cuidar de um filho da puta que nem você?

FILHO – A Mãe me disse que você fez irmãozinhos pra mim... Por aí.

PAI – Pára com esse troço.

FILHO – Fez?

PAI – Sou teu pai. Cala a boca.

FILHO – Conte o que eu já sei.

PAI – Pára, porra.

FILHO – Tem irmãozinhos?

PAI -...

FILHO – Fala, velho.

PAI – Tua mãe secava... Daí não tinha pra ninguém... Eu tinha que me virar, aí peguei a... Ah, que é que você sabe, seu bosta.

FILHO – Homem ou mulher?

PAI – Um macho... E uma menina.

FILHO – Quantos anos?

PAI -...

FILHO – Eles sabem de mim?

PAI -... Não.

FILHO – Vivem aqui?

PAI -... Por aí.

FILHO – Ele parece comigo?

PAI -...

FILHO – Com você?

PAI – Não enche o meu saco, porra.

FILHO – Deixa eu falar de um jeito que você entenda... Eu posso estar dando o cu pro meu irmão, sem saber...

PAI – Se você não fosse viado...

FILHO – Eu podia estar fodendo a minha irmãzinha...

PAI – Me solta dessa porra que eu vou amassar a tua cara.

FILHO – Esse é o teu mundo, velho... Você vê o que quer, o resto não existe. Nem aparece nem desaparece, só não existe.

PAI – Dá pra usar essa máquina pra alguma coisa, vender peça... Você podia fazer uma obra de arte, sei lá, viado sabe fazer essas coisas... Dá pena jogar fora...

FILHO – Quantos anos eles tem?

PAI -...

FILHO – Você viu eles crescerem ou não deu bola?

PAI – Dava um dinheirinho, de vez em quando. Falava com o guri... A mãe dele dizia que era assunto de meninos e eu ia conversar bobagem com o menino.

FILHO – Conversa de menino, com você?

PAI – A mãe dele achava.

FILHO – Você não trocava três frases comigo.

PAI – Você era esquisito...

FILHO – Eu era triste. Eu fiquei triste... E a única coisa que você conseguiu fazer foi perguntar se eu já tinha conhecido mulher.

PAI – Você tinha essa cara... Ia pensar o quê?

FILHO – Já tinha namorado homem, já tava querendo sair de casa, todo mundo já sabia.

PAI – Todo mundo já sabia...

FILHO – E você querendo me levar num puteiro.

PAI -... Eu não... Não sabia... Eu não sentia... Nada.

FILHO – E aí? O menino é viado também ou aquele deu certo?

PAI – Deu certo, sei lá... Ele é o que ele é.

FILHO – Quase senti alguma coisa...

PAI – Tanto faz...

FILHO – Como é o nome dele?

PAI -...

FILHO – Você lembra?

PAI – Eu vi o moleque um tempo depois que ele nasceu...

FILHO – Lembra?

PAI -... O jeito que ele me olhou...

FILHO – Você consegue falar? ... O nome dele?

PAI – Aquele dia... Eu senti...

FILHO – O nome, velho...

PAI – Quase senti alguma coisa...

FILHO – Velho...

PAI -... Ivalino...

FILHO – Pai...

PAI – É Ivalino.

*(A Mãe está parada na entrada da sala. Traz sacolas. Os dois ficam imóveis. A Mãe atravessa rapidamente a sala e desaparece na cozinha. Volta com um jarro d'água, panos, álcool e bacia. Ela limpa o Pai cuidadosamente como que faz uma assepsia pré-cirúrgica. O Filho se aproxima e faz os ajustes do 'artefato'. A mesa é catre de hospital. O 'artefato'... Respiradouro, engrenagens de manutenção da vida. O Filho liga os aparelhos. Mãe e Filho limpam a mesa. Param cada um diante de uma cabeceira. Solenes. Limpos. Quietos. A mesa/catre impecável. Pronta para gala ou para dissecação)*

MÃE – Está na hora da sopa.

*(A Mãe vai para a cozinha. Silêncio. Silêncio. Silêncio.)*

**MOMENTO 3.**

*(Da cozinha ouve-se o barulho de instrumentos cirúrgicos. Equipos. Esterilizações. A Mãe entra e sai da sala durante os preparativos)*

PAI – Vaca... Eu não vou engolir lixo.

FILHO – Vou prender isso aqui... E isso aqui.

PAI – Não vai me fritar, viado.

FILHO – É um polígrafo...

PAI – POLÍGRAFO... Tinha que dar um nome metido a besta pra esse troço.

FILHO – Se ligar a máquina ela mostra quando você mente.

PAI – Pára de falar merda. Pergunta aí, que eu quero ver se essa máquina sabe das coisas...

FILHO – Se você usar uma dessas, você pode estourar, velho.

PAI – *(Rindo)* Estouro mesmo. Caralho, como eu gosto de uma história. Puta que pariu, acho que o Ivalino nunca escutou nada que prestasse da minha boca, só merda. Se eu tive um parceiro foi ele. Porra, uma vez a gente tava indo no futebol... A tua mãe tava dando pra alguém, por aí. Eu e o Ivalino vimos duas putinhas. Uma baixinha assim, nem bunda tinha, e a outra já de peitinho e tudo. A gente levou elas lá pro parque. Me joguei em cima da desbundada e o Ivalino na outra. *(Febre)* Tirei o pau pra fora, dei uma porrada na cara da guria e fui me enfiando naquela bucetinha, nem pelo tinha... *(Febre. Febre)* O Ivalino deu um grito. “Lazarenta”, ele gritou, “sai, lazarenta”! Achei que a cadela tinha mordido ele, mas o quê?... A vagabunda tava pelada... Peladinha... Do meio das pernas saía um troço assim... Tinha um palmo... *(Febre. Febre. Febre)* Parecia sim, parecia um pau e parecia uma buceta... *(O Filho sai rápido para a cozinha)* Você não ri porque você não gosta de buceta... Vomita, tem nojo...

*(Voltam a Mãe e o Filho. Ela com pano úmido, ele com contentores e cintas para a maca)*

MÃE – Consegue fazer ele parar?

PAI – Não consegue não!

FILHO -... *(Ajusta os artefatos, os contentores, o soro)*

PAI – O Ivalino deu tanta porrada na esquisita, A boca rasgou na altura desse dente aqui ó... O sangue do nariz quebrado melou a cara dela... Um tufo de cabelo saiu na mão dele quando ele puxou pra dar em cheio na cara... Orelha rasgada... Dedo quebrado... Ombro caído... Vomitou que nem você, bichinha...

MÃE – Vou trazer outro prato... (*Junta os cacos que estão ao lado da mesa/catre e sai*)

PAI – Ela saiu correndo e xingando. Puta esquisita... Xingando, pode uma coisa dessas?... Eu esqueci da minha... Esqueci... Eu - - esqueci... Naquele dia... Foi naquele dia...

FILHO -... Que o Ivalino levou a Mãe embora...

PAI – Meu cu que ele levou... A vagabunda é que correu atrás dele...

FILHO – A Mãe gostava de você, velho...

PAI – Eu sei do que é que ela gostava. Eu era o pé rapado que ela fodia de graça quando tinha pena.

MÃE -... (*Entra e sai. Aparador, babador. Preparos e apetrechos para alimentar o Pai*)

FILHO – Gostava, mas deixou de gostar...

PAI – Essa aí... Não gosta de nada, só dela.

FILHO – Ela, pelo menos...

PAI – Pelo menos o quê?... O que ela fez... Pra você defender ela assim?...

FILHO – Ela trouxe você pra cá, velho.

PAI – Pra cá...

FILHO – Se a Mãe não estivesse por perto, você já tinha se arranjado com raiz de capim.

PAI – Quem é a *pessoa* que você vai trazer aqui pra casa?

FILHO – Não é **pra** casa, é **em** casa. Ele vem jantar em casa...

MÃE – (*Para o Filho*) O Ivalino quer falar com você...

PAI – Tão querendo constituir família...

FILHO – (*Para a Mãe*) O velho podia cair morto, agora mesmo... Mas ele insiste...

MÃE - (*Para o Filho*) Falei pra ele que não adianta. Mas ele insiste...

FILHO - (*Para a Mãe*) E o filho?

MÃE -...

FILHO - (*Para a Mãe*) E a mulher?

MÃE -... (*Sai*)

PAI – Eu não vou morrer porra nenhuma... Eu vou ficar aqui... Não morro e pronto... Eu vou ficar aqui.

FILHO – Você é um bosta, velho...

PAI – Bosta é no teu pau, viado... Sou fodido, sim... Mas eu sou macho, sim...

FILHO – (*Pega máscara de gás/anestesia*) Ponha isso aqui, ponha isso aqui...

PAI – Que merda é essa?

FILHO – Fica quieto, velho. (*Últimos ajustes. Sai*)

PAI – Olha só... Ficou macho... Volta aqui... O que é que essa porra de máquina sabe... Volta aqui... Eu sou mais home que os caras... Os caras que te enrabam... Criei você sozinho... Até antes da tua mãe morrer... A tua mãe... Cagava e andava pra você... Eu... “Trabalhei... Me fodi... Me caguei...” Pra deixar essa casa em pé. É verdade, seu bostinha... “Trabalhei... Me fodi... Me caguei... Mas nunca faltou nessa mesa, um prato de sopa!”

#### **MOMENTO 4.**

*(A Mãe volta. Um carrinho térmico. Aparelhos de exames. Recipientes escaldantes de esterilização)*

PAI – Tem coragem de vir aqui, puta...

MÃE -...

PAI -... Cheiro de puta...

MÃE – Sente isso? (*Toca os dedos do pé do Pai*)

PAI -... Feito uma cadela... A macharada atrás...

MÃE – Sente isso? (*Toca os dedos da mão do Pai*)

PAI - Sem vergonha...

MÃE – Sente isso? (*Martela suavemente o joelho do Pai*)

PAI – Entra na minha casa...

MÃE – Pode acompanhar a luz? (*Pequena luz na retina do Pai*)



PAI -... Rebolando essa tua bunda...

MÃE – Tente engolir. *(Com os dedos, sente o movimento no pescoço do Pai)*

PAI – Vadia, lazarenta...

MÃE – Hoje vamos tentar um pouco mais pastoso.

PAI – Me dá essa tua boca...

MÃE – Pouca carne, muito peixe, tudo cozido a vapor. Legumes, verduras, pouca gordura... Pouco sal...

PAI – Me dá a tua boca...

MÃE – Pus um pouquinho de capim santo. Combate a ansiedade e o cansaço.

PAI – Fica aqui.

MÃE –... *(Se aproxima do velho)*

PAI – Fica...

MÃE -... *(Quase toca a face do velho)*

PAI -... Fica... Comigo...

FILHO – *(Entra e pára ao pé da mesa/catre)...*

MÃE -...

PAI – Fica...

FILHO – *(Para a Mãe)* Nada?

MÃE – Nada. *(Sai)*

*(O Filho pega a sopa no carrinho e serve um prato. Assopra. Esfria. Cuidadoso. Alimenta o Pai como se alimentasse uma criança triste)*

FILHO – Ummmm... O cheirinho tá bom...

PAI -...

FILHO – Você gosta?

PAI -... *(Não consegue engolir)*

*(O Filho limpa a sopa do rosto do velho. Com uma das mãos pressiona as bochechas do velho e introduz um pouco de sopa na sua boca)*

FILHO – Isso... Eu também gosto.

PAI -... ..

FILHO – Você tem mulher, velho?

PAI -... (*Respira fundo*)...

FILHO – Filho?

PAI -... (*Respira fundo*)...

FILHO – Amigo?

PAI -... (*Respira acelerado... Acelerado*)...

FILHO – Bom, isso é bom.

PAI -... (*Acelerado... Acelerado... Acelerado*)...

FILHO – Um dia eles aparecem, velho.

PAI -... (*Lágrima*)...

FILHO – Mas agora... Só eu e você, velho.

PAI -... (*Lágrima*)...

FILHO – Só mais uma... (*Dá mais uma colherada*)

PAI -... (*Engole... Lágrima*)...

FILHO - (*Dá mais uma colherada*)

PAI -... (*Engole... Lágrima*)...

FILHO - (*Dá mais uma colherada*)

PAI -... (*Engole... Lágrima*)...

FILHO - (*Dá mais uma colherada*)

PAI -... (*Engole... Lágrima*)...

FILHO - (*Dá mais uma colherada*)

PAI -... (*Engole... Lágrima*)...

(*Silêncio. Silêncio. Silêncio*)

**Sílvia Monteiro**

Atua profissionalmente no Teatro desde 1986. Em 1996, com Luiz Carlos Pazello, fundou a Confraria Cênica, onde atua também como diretora e dramaturga. Já teve encenados os textos: *A Mulher* (1998); *As Histórias do Juca* (1999) e *AS FACES DO CIÚME* (2010), uma nova leitura do *OTELLO* de Shakespeare. É professora do Bacharelado em Teatro da PUC PR – nas cadeiras de Improvisação e Interpretação. Tem Graduação e Mestrado em Filosofia.

Integra os Grupos de Pesquisa(CNPQ) – *Filosofia e Psicanálise* e *Filosofia e Cognição*.

Integrante do Núcleo Permanente de Dramaturgia do SESI.